

Cambalhotas e estrelas na EMEI Jaguaré: a ginástica na Educação Infantil

Alessandra Müller

Arthur Müller

EMEI Jaguaré

O horário do parque na EMEI Jaguaré é bastante aguardado pelas crianças. Ocasão em que desfrutam dos brinquedos e do amplo espaço com árvores e jardins. Observando a existência de materiais que poderiam suscitar a gestualidade das ginásticas, no segundo semestre de 2018, decidimos abordar essa manifestação na tentativa de desmistificar o “risco de acidentes”, principal argumento empregado pelas colegas para justificar o pouco uso desses recursos.

Para começar o trabalho com as crianças, por meio da agenda de recados, pedimos às famílias que descrevessem o que compreendiam como ginástica. O objetivo era coletar a maior quantidade de informações além de estimular a conversa sobre o assunto. Dias depois, analisamos as devolutivas e verificamos que o termo ginástica, na visão da comunidade, abrangia muitas práticas corporais, entre elas a ginástica de academia, ioga, musculação etc. A partir das respostas, elaboramos um cartaz com imagens que representavam tudo aquilo que havia sido mencionado.



Algumas imagens se relacionavam à ginástica rítmica, outras a ginástica artística e ainda havia aquelas relativas às ginásticas realizadas em academias. Como de costume, foi feita uma roda para que pudéssemos conversar sobre as imagens do cartaz. Em princípio, a ideia era que as crianças estabelecessem relação entre as práticas representadas e a possibilidade de executá-las

no parque utilizando os equipamentos disponíveis. Para tanto, solicitamos que observassem o conjunto de imagens e apontassem quais manifestações poderiam fazer naquele espaço. As manifestações indicadas foram transferidas para outro cartaz.



Vale ressaltar que durante a roda de conversa, as crianças tinham mais facilidade em relacionar a ginástica com as imagens que demonstravam pessoas correndo, realizando movimentos em aparelhos de musculação (em academia). Uma criança chegou a dizer que seu pai realizava ginástica na academia todo dia. Quando perguntamos como era essa ginástica, a criança se levantou e demonstrou o movimento da rosca direta. Questionadas sobre as razões que levam as pessoas a fazerem ginástica, talvez, influenciadas pela demonstração do colega, as crianças disseram que era para ficar forte. Curiosamente, as crianças começaram a falar sobre programas na televisão em que elas viram essas práticas acontecer. Uma delas, inclusive, apontou para a foto que havia uma atleta utilizando a fita e disse: “olhe, ela está usando a fita”. Outra criança reconheceu a parada de mão, ilustrada em uma outra figura. Isso nos chamou a atenção, porque até então essas imagens haviam sido ignoradas pelas crianças. Decidimos perguntar como elas conheciam esses implementos e esses movimentos. Meninas e meninos disseram que durante as férias, o Centro Educacional Unificado Jaguaré (CEU)¹ promoveu aulas de ginástica para crianças. Conversando sobre o assunto, não conseguimos identificar qual tipo de ginástica as crianças se referiam. Um diziam que frequentaram aula em que pulavam e ficavam de cabeça para baixo. Outras afirmaram que realizaram movimentos com fita e um negócio de madeira que parecia uma garrafa pequena. “garrafa não, professora, parecia um pino de boliche”, disse outra criança. Acreditamos que estivesse se referindo à maçã.

Diante disso, decidimos apresentar às crianças alguns implementos da ginástica rítmica, até porque, dentre as ginásticas praticadas no CEU, essa foi bastante mencionada. Os materiais foram tomados de empréstimo em outra escola onde atuamos.

¹ Trata-se um equipamento municipal que disponibiliza gratuitamente atividades variadas à comunidade.





Após arriscarem alguns gestos com a fita, as maçãs e o aro, as crianças perderam o interesse nos implementos, o que nos levou a retomar o cartaz e chamar a atenção das crianças para as imagens que representavam a ginástica artística. Indagamos o grupo sobre a possibilidade de realizar aqueles movimentos na escola e, em caso positivo, em que local isso poderia acontecer. Muitas respostas mencionaram o parque, o que nos conduziu àquele espaço.





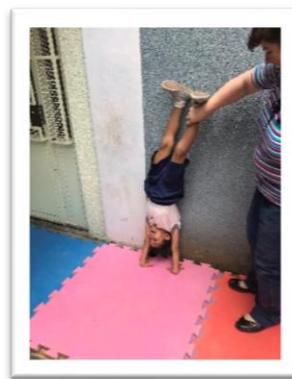
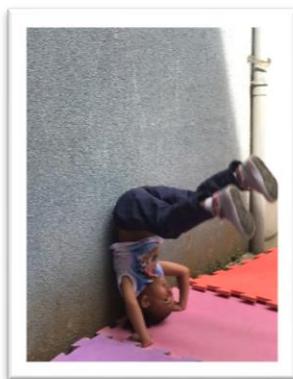
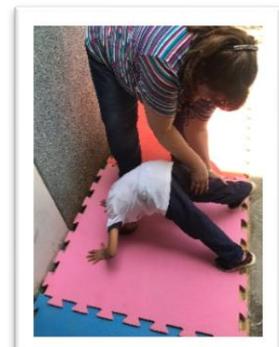
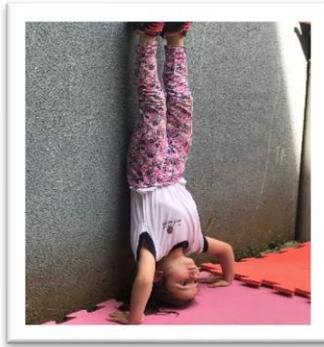
Durante a experimentação, ficou evidente o entusiasmo das crianças. Preocupados com a segurança, propusemos situações na sala de aula devidamente preparada com placas de EVA. Além de garantir tranquilidade ao grupo, o cuidado permitiu ampla variedade de gestos e experimentações.



Independente da nossa ajuda, as crianças realizaram rolamentos, pontes, saltos, giros, equilíbrios, paradas de mão etc. Também foram incentivadas a demonstrar e ajudar as colegas. O procedimento inspirou as mais tímidas que, quando necessário, eram auxiliadas na execução. Quem não quis tentar, permaneceu observando, auxiliando ou explicando.

Na sequência, resolvemos utilizar o espaço externo, mas mantivemos as placas de EVA. Graças à ajuda de uma convidada², a turma se aventurou na parada de mãos. Antes disso, todas as medidas de segurança foram adotadas. A presença de uma criança maior que conhecia a técnica em questão foi muito importante nesse momento.

² Ficamos sabendo que o irmão de uma aluna da escola praticava a ginástica artística. Como as crianças são filhas de funcionários da escola, a presença do garoto é constante. Um dia, convidamos o menino para demonstrar alguns movimentos às crianças menores. Ele veio sem maiores problemas e apresentou a parada de mão, parada em três apoios e rolamentos.



Prosseguindo com as atividades, organizamos a assistência a vídeos de apresentações de ginástica rítmica para, quem sabe, instigar as crianças a novas experimentações.



Para finalizar, organizamos momentos de escuta das opiniões do grupo acerca da trajetória percorrida. Notamos que algumas crianças conseguiram ampliar as representações iniciais sobre a ginástica, outras não. Isso ficou evidente quando retomamos o cartaz com as ilustrações das ginásticas. Solicitamos ao grupo que indicasse

quais práticas foram estudadas. Foi frustrante perceber que muitas crianças não estabeleceram qualquer relação entre as imagens e as vivências realizadas na sala ou no parque. Mesmo aquelas que frequentam as aulas de ginástica artística no CEU Jaguaré tiveram alguma dificuldade em relacioná-las às experiências promovidas durante o semestre.